

APRESENTAÇÃO PERCEPTIVA NO AUTISMO: ESTUDO DA AUTOBIOGRAFIA DE DONNA WILLIAMS¹

Marina Martins Bialer²

Nelson Ernesto Coelho Júnior³

Universidade de São Paulo (USP), São Paulo-SP, Brasil

RESUMO. No presente artigo analisamos o material clínico da autista Donna Williams com objetivo de pesquisar o trabalho de transformação do sensorial-perceptual por intermédio da apresentação perceptiva. Dialogamos com as contribuições dos psicanalistas Cesar e Sara Botella e com as contribuições do psicanalista Roussillon, acerca da importância da reflexibilidade para a percepção e para o reconhecimento enquanto apoio para o processo de simbolização dos primeiros traços perceptivos que precisam ser investidos e associados entre si. No decorrer do texto, tecemos a hipótese de que ao inventar modalidades de espelhamento compensatório, Donna pôde reapresentar traços perceptuais ainda não representados, cuja apresentação perceptiva é preliminar à própria capacidade destes serem representados. Nesse âmbito nos apoiamos nos estudos da psicanalista Laznik acerca da premência da elisão na clínica com os autistas para pensar a existência de traços mnêmicos no autismo que existem, mas não são investidos. Por ficarem completamente sem investimento, não se instalam trilhamentos e ligações, impedindo o surgimento de representações e a complexificação do psiquismo oriundo da organização de representações. Em contraponto, abarcamos um trabalho psíquico de simbolização do registro sensorial por meio da projeção destes traços e, nessa linha de argumentação, demonstraremos como a transferência desses traços, por meio da figuração, favoreceu uma especularidade através desses anteparos que propiciaram a função compensatória de espelhamento.

Palavras-chave: Autismo; psicanálise; percepção.

PERCEPTIVE PRESENTATION IN AUTISM: A STUDY BASED ON THE AUTOBIOGRAPHIES OF DONNA WILLIAMS

ABSTRACT. This paper is based on the clinical material of the autistic Donna Williams in order to investigate the work of transformation of the sensorial-perceptual through perceptual presentation. We discuss the contributions of the psychoanalysts Cesar and Sara Botella and the contributions of the psychoanalyst Roussillon on the importance of reflexivity for perception and recognition as supports for the process of symbolization of the first perceptive traits that need to be invested and associated with each other. Throughout the text, we hypothesized that by inventing compensatory mirroring modalities, Donna was able to re-present perceptual features not yet represented, whose perceptual presentation is preliminary to their own ability to be represented. In this context we based ourselves in the studies of the psychoanalyst Laznik about the urgency of the elision in the clinic with the autists to think about the existence of mnemonic traits in autism that exist, but are not invested. Because they are completely without investment, they do not install paths and connections, blocking the appearance of representations and the complexification of the psyche based on the organization of representations. In contrast, we study a psychic work of symbolization of the sensorial through the projection of these traits and, in this line of argument, we will demonstrate how the transfer of these traits, by means of the figuration, favored a specularity through these mirrors that provided a compensatory function of mirroring.

Keywords: Autism; psychoanalysis; perception.

¹Apoio e financiamento: tradução realizada com apoio da FAPESP por meio do processo número 2016/23681-1.

²E-mail: mbialer@hotmail.com

³E-mail: ncoelho@usp.br

PRESENTACIÓN PERCEPTIVA EN EL AUTISMO: ESTUDIO DE LA AUTOBIOGRAFIA DE DONNA WILLIAMS

RESUMEN. En el presente artículo se ha analizado el historial clínico de la autista Donna Williams con objeto de investigar el trabajo de transformación de lo sensorial-perceptual por intermedio de la presentación perceptiva. Dialogamos con los aportes de los psicoanalistas Cesar y Sara Botella, y del psicoanalista Roussillon acerca de la importancia de la reflexión para la percepción y el reconocimiento en tanto apoyos en el proceso de simbolización de los primeros rasgos perceptuales que precisan ser investidos y asociados entre sí. A lo largo del texto, presentamos la hipótesis de que, al inventarse modalidades de espejo como compensación, Donna Williams pudo volver a presentar rasgos perceptuales todavía no representados. Tal presentación perceptiva es, a su vez, preliminar a la propia capacidad de que dichos rasgos sean representados. En este sentido, nos basamos en los estudios de la psicoanalista Laznik sobre la urgencia de la elisión en la clínica con los autistas, a fin de pensar la existencia de rasgos mnémicos en el autismo, presentes, pero que no son investidos. Al estar totalmente ausente la investidura, dejan de instalarse aperturas de paso y ligazones, impidiéndose así el surgimiento de representaciones y la complejidad del psiquismo oriundo de la organización de representaciones. En contraposición, abordamos un trabajo psíquico de simbolización del registro sensorial por medio de la proyección de estos rasgos y, siguiendo esa línea argumentativa, buscaremos demostrar cómo la transferencia de ellos, a través de la figuración, favoreció una especularidad mediante tales mecanismos que propiciaron la función compensatoria de espejo.

Palabras-clave: Autismo; psicoanálisis; percepción.

Introdução

No presente artigo abordaremos escritos autobiográficos da autista Donna Williams (1996, 1998, 2006) para analisar a transformação do sensorial-perceptual por intermédio da apresentação perceptiva. No decorrer do texto, tecemos a hipótese de que Donna pôde reapresentar traços perceptivos ainda não representados, os quais, segundo enfatiza a psicanalista Anne Brun (2014), não são traços a serem decifrados, com significações latentes, mas traços cuja apresentação é preliminar à própria capacidade destes serem representados. Nessa linha de argumentação, demonstraremos como a transferência desses traços (não representados) permitiu que estes fossem reativados perceptualmente, por meio de um “trabalho de figuração” (p. 76). Dialogamos com as contribuições do psicanalista Roussillon acerca da importância da “reflexibilidade” (Roussillon, 2012, p. 139) para a percepção e para o reconhecimento, enquanto âncoras para o processo de simbolização dos primeiros traços perceptivos, que precisam ser investidos e associados entre si.

Os traços mnémicos perceptivos são o material primordial para a edificação dos alicerces do psiquismo humano, sendo que essa “matéria psíquica primeira deve ser metabolizada e transformada por um processo reflexivo de simbolização para ser integrada na subjetividade” (Roussillon, 2012, p. 139). Nesse âmbito, o material clínico oriundo dos textos de Donna nos forneceu elementos para articular a construção do psiquismo a partir da transformação do sensorial-perceptual e da invenção de compensações que propiciaram esse trabalho de figurar, o que desenvolveremos posteriormente no texto apoiados na concepção psicanalítica de *Darstellung* (figuração ou configuração).

Por intermédio de regulações sensoriais, da incorporação de traços dos outros/alteridades e das invenções de anteparos com função de espelhamento, tecemos a hipótese que Donna operacionalizou a emergência de *gestalts* e anteparos-espelhos que viabilizaram uma apreensão de si e dos outros. Desse modo, formulamos que foi inventado um modo de se criar uma superfície de projeção e um anteparo de reflexão de si, por meio de modalidades de apresentação perceptiva que possibilitaram o estabelecimento de novas ligações psíquicas e novos investimentos desses traços sensoriais/perceptuais ainda não representados.

A percepção e o investimento do outro no autismo

Ancorada na clínica com autistas com sintomatologia clássica com fechamento autístico, a psicanalista Laznik (2004) salienta a existência de traços mnémicos que não são investidos pelo autista, não podendo desembocar em um registro associativo ou em representações, caracterizando a premência do mecanismo psíquico de elisão. Se em um primeiro momento, os relatos autobiográficos

de Donna também corroboram com essas formulações, retratando a falha no investimento de traços mnêmicos que poderiam originar, posteriormente, representações, o presente artigo parte da seguinte problemática: Laznik na sua clínica com pequenos autistas procura estabelecer investimentos que não puderam ser estabelecidos. É possível que de maneira similar a escritora Donna Williams tenha podido criar maneiras compensatórias de investir esses traços ainda não traduzidos, ainda não representados. Pretende-se, desse modo, investigar se, assim como Laznik, na clínica com os pequenos autistas, demonstra um percurso possível do mecanismo de elisão em direção ao registro e representação desses traços não registrados ou não traduzidos, se seria possível detectar nas autobiografias de autistas a solidificação do registro do traço do outro por meio de estratégias de apresentação perceptiva que propiciem uma transcrição do registro destes traços.

O mecanismo de defesa da elisão, típico do autismo, retrata a ausência da inscrição da presença do outro/Outro, o que seria para a psicanalista Laznik (2004), “como se, justamente, o sistema de defesa consistisse em elidir todos os lugares psíquicos onde os traços mnêmicos das representações do Outro poderiam ser registrados” (p. 30). Nesse sentido, afirma que no projeto compreendeu “que Freud pensava que no polo alucinatório de satisfação estão inscritos os traços mnêmicos e os atributos desse próximo assegurador” (p. 70) que pode dar uma resposta que apazigue o bebê diante da vivência de tensões. Nesse contexto, ao retomar a experiência de satisfação, seria retomado tanto o prazer obtido quanto o traço desse outro. A partir de então, na base da experiência de alucinação primária, haveria um autoerotismo marcado pelos traços mnêmicos desse outro assegurador real, de modo que quando estivesse chupando o dedinho, o prazer suscitado que já fora registrado traria o traço da presença do Outro materno, operacionalizando um “reinvestimento dos traços mnêmicos desse Outro materno” (p. 80).

A psicanalista salienta que aqui o prazer materno não é “um *princípio de não prazer*” (Laznik, 2004, p. 174), mas uma expressão do prazer do Outro. No exemplo citado, trata-se de um se fazer comer que é um movimento ativo do bebê e que implica a presença do Outro e seu prazer que, então, “se inscreveu sob a forma de traço mnêmico no aparelho psíquico” (p. 29).

No entanto, a própria Laznik (2004) enfatiza haver casos de bebê (não necessariamente aqueles que se tornarão autistas) que “têm grandes dificuldades em administrar a excitação a não ser pelo seu evitamento radical” (p. 50). Trata-se de bebês que não sorriem, não demandam vocalmente, não chamam a despeito de uma situação de dor e angústia, e podem cair “em aflição cataclísmica, como se eles se partissem em pedaços” (p. 50). Haveria, nesse contexto, um desamparo relacionado à elisão da possibilidade de inscrição dos traços do Outro enquanto “uma supressão dos signos perceptivos” (p. 53) que permitiriam perceber de fato a presença do Outro, seu investimento libidinal e o seu registro enquanto Outro assegurador.

Em decorrência da sua prematuridade constitucional, o bebê humano “é incapaz de cumprir sozinho a ação específica necessária para fazer cessar a excitação do interior do aparelho psíquico e, por consequência, o desprazer que a acompanha” (Laznik, 2004, p. 141). É justamente o próximo, o humano ao lado (*Nebenmensch*) assegurador, aquele que “executa a ação que faz cessar a excitação endógena e, conseqüentemente, permite a *experiência de satisfação*” (p. 141), protegendo o aparelho psíquico do bebê contra o desprazer e contra a dor. Diante do intenso desamparo constitucional é preciso a ajuda deste outro assegurador, cuja presença (efetiva) possibilita sua inscrição no circuito de satisfação que, ao ser repetido suficientemente, viabilizaria o surgimento de trilhamentos pelos quais o bebê humano poderia, então, reviver essa experiência enquanto uma satisfação alucinatória. Nessa perspectiva, a psicanalista enfatiza que o circuito de satisfação deixa traços mnêmicos sobre a “descarga motora produzida por certo número de movimentos, entre os quais os reflexos que põem fim à vivência de desprazer” (p. 141), “o investimento de um certo número de traços mnêmicos que correspondem à percepção do *próximo assegurador*” (p. 141) e “os trilhamentos entre esses dois tipos de imagens de lembranças” (p. 141). Nesse contexto, diante de uma situação de tensão e desprazer, esses trilhamentos⁴ já estão facilitados pelo registro da experiência de satisfação.

⁴ O conceito de trilhamento (*Bahnungen*) foi usado por Freud no *Projeto* para abarcar o estabelecimento de facilitações produzidas em certos neurônios, permeáveis. Trata do encadeamento entre neurônios, em um processo de atravessamento de barreiras de contato entre os neurônios, que efetua uma passagem da energia por percursos que se tornam facilitados, mais facilmente percorridos, a partir das ligações estabelecidas. No presente texto, não buscamos esmiuçar o projeto freudiano, por isso nessa nota de rodapé nos atemos

Em vídeos familiares de bebês que se tornaram autistas, a psicanalista Laznik (Burnod & Laznik, 2016) detectou quanto estes bebês pareciam impermeáveis aos outros, observando muitos casos de baixa responsividade e permeabilidade ao olhar-voz (falicizante) dos outros. Em outra disciplina no mesmo campo de pesquisa, o psiquiatra Cohen e a doutora em neurociências Saint-Georges (2016) analisaram vídeos familiares de bebês que se tornaram autistas e apontaram a pouca reatividade e interesse pelo outro nestes bebês, e quanto isso afetava a sincronia com o outro-cuidador. Tais manifestações desembocam em afirmações como a do psiquiatra infantil e psicanalista Golse (2016) de que “o autismo pode ser atualmente definido como a maior forma de falha do processo de acesso à intersubjetividade” (p. 213). Similarmente, podemos recorrer à descrição de Donna para enfatizar a (falta de) resposta do bebê que se tornará autista, ou quão seu modo de reagir aos investimentos parentais são aversivos e dificultam ou impedem a construção da inscrição do outro no seu circuito de prazer. Nos seus relatos autobiográficos, isso é remetido ao impacto de perturbações sensoriais que geram excessos de hipersensibilidades e que ocasionam excitações violentadoras, precipitando movimentos de desligamento, em contraponto à ligação aos outros.

De maneira similar, na sua vasta experiência clínica com crianças autistas, Laznik (Burnod & Laznik, 2016) aponta a importância de questões orgânicas que dificultam a inscrição do circuito de prazer no enlace relacional. Nesse âmbito, vale realçar quanto essas perturbações sensoriais podem impactar a viabilidade do investimento do outro ser registrado e ser vivenciado como prazeroso, podendo desembocar nos efeitos psíquicos marcantes nas autobiografias e que podem ser bem caracterizados enquanto “uma recusa ativa por parte do bebê” (Laznik, 2004, p. 39), em uma “recusa relacional” (Laznik, 2016, p. 48)⁵.

Conforme descrevemos, a intensidade das perturbações sensoriais-perceptuais tem efeitos bloqueadores ou dificultadores da inscrição do princípio do prazer em uma economia libidinal, sendo que podemos, então, reiterar quanto o registro da presença do outro implica em um “bom” funcionamento da percepção e a possibilidade desse é viabilizada pelo desenvolvimento de um escudo protetor que viabilize “a recepção dos estímulos, diminuindo e modulando sua intensidade energética por meio da criação de resistências e facilitações” (Campos, 2009, p. 116). Esse “escudo para-excitações” (p. 116) pode ser remetido à “diferenciação da superfície externa [que] acabará sendo considerado o protótipo de todo o desenvolvimento de órgãos sensoriais” (p. 116), o que destaca a problemática no autismo das perturbações sensoriais-perceptuais para a execução das funções de percepção, o que iremos abordar a seguir. Vale destacar que os relatos de Donna evidenciam quanto, inicialmente, até mesmo o registro de prazer-desprazer e o estabelecimento de trilhas de fugas de desprazer podiam ser inibidos em decorrência do caos sensorial, prejudicando o estabelecimento de qualquer ação para obtenção de uma regulação satisfatória em prol de um estado de homeostase.

Em decorrência destas perturbações sensoriais, ela descreve que até a vida adulta “não podia ver uma face ou um corpo como um todo, com frequência falhava em reconhecer objetos que ainda não conhecia” (Williams, 2006, p. 126-127), ficando submergida sensorialmente por um “caos visual” (p. 127). Isto também impactava sua capacidade de escutar, pois embora pudesse escutar os sons, perdia a capacidade de processá-los em um nível significativo, representacional, descrevendo da seguinte maneira os efeitos dessa alteração perceptual:

Perceptualmente, outras coisas estavam acontecendo comigo. O mundo estava visualmente “em pedaços”: uma realidade fragmentada na qual era difícil perceber o todo de qualquer coisa e ainda mais difícil de fazer sentido de algo ou alguém no contexto do seu entorno mais distante. Havia perdas de percepção de profundidade com uma fascinação compulsiva e o medo de ver as coisas caindo pelo espaço (p. 121)

a comentar a importância dessa conceituação para enfocarmos quanto a energia pulsional é desligada inicialmente, precisando encontrar vias para ser descarregada, por meio dessas ligações. O surgimento dessas ligações psíquicas edificam as vias de facilitação de descarga, dos trilhamentos. Por sua vez, esses trilhamentos podem ser articulados ao enfoque da importância da “associatividade” (Roussillon, 2012, p. 56) para o aparelho psíquico, especificamente para a simbolização dos traços perceptivos, isto é, para “um poliformismo da associatividade” (p. 52) psíquica, para além da verbal, o que enfocaremos pela via da apresentação perceptiva como percurso para a simbolização e apropriação subjetiva dos primeiros registros sensoriais-perceptuais.

⁵ Ao contrário dessa recusa ativa, no desenvolvimento típico do bebê, ele “tem uma apetência extraordinária para o gozo que sua presença desencadeia no Outro materno” (Laznik, 2004, p. 174).

Nos seus relatos autobiográficos são marcantes os efeitos no aparelho psíquico das excitações excessivas tanto internas quanto externas que transbordam qualquer capacidade de tratamento. A impossibilidade de processamento destas excitações e de obtenção de sentido/atribuição de uma interpretação ao experienciado impedia o sentimento de continuidade da sua existência e da permanência de si mesma. Antes de avançarmos nossa hipótese de que pela apresentação perceptiva esse processo pode ser retomado, viabilizando uma dinamização e maior complexidade do funcionamento psíquico, abordaremos a teorização da própria Donna acerca da existência de toda uma parte de si não marcada pelo outro, o que procuraremos articular à existência no autismo da matéria bruta não investida, não ligada psiquicamente.

Automatismos e traços mnêmicos não investidos

Na terceira autobiografia (Williams, 1996), Donna frequenta um centro de pesquisa e clínica com pessoas com distúrbios cerebrais, que avalia que suas perturbações sensoriais decorrem da manutenção dos reflexos infantis, que não eram inibidos como na maior parte das outras pessoas, e não eram substituídos por novos. Por meio da testagem dos reflexos, identificam como as “diferentes partes do meu corpo falam ou não falam uma com a outra” (p. 31). Após esta avaliação, Donna afirmou que seu corpo poderia ser dividido em quatro partes com modos de funcionamento distintos. Na primeira, seus reflexos infantis haviam sido inibidos, sendo substituídos por outros que perduram na vida adulta. Na segunda e na terceira, havia uma inibição parcial dos reflexos infantis. E na quarta, os reflexos infantis permaneciam intensamente ativos, dentre os quais havia alguns que deveriam ter desaparecido aos dez meses de idade no desenvolvimento normal, e outros que deveriam ter desaparecido após o nascimento, como um movimento reflexo do quadril que auxiliaria a saída do corpo materno e que deveria ser restrito ao nascimento, mas permanecia existindo, de modo que nas palavras de Donna “isto era como se eu só tivesse nascido pela metade” (p. 32).

A hipótese explicativa aventada para suas perturbações seria a de que ela havia encontrado formas de compensação para a manutenção dos reflexos infantis que deveriam ter sido substituídos, mas estas compensações permaneceram funcionando de modo dessincronizado ao longo do seu desenvolvimento. Também nesse âmbito, podemos recorrer às formulações da psicanalista Vorcaro (2017) acerca da delimitação da existência de reflexos instintuais distintos daqueles que seriam tomados em um circuito pulsional. Ela restitui o valor de um saber ancestral oriundo da condição humana e que se expressa na economia libidinal remetida ao circuito do princípio do prazer. Nesse âmbito, ela distingue a existência de reflexos antes de sua apropriação subjetiva no encontro com o Outro, remetendo esse reflexo a uma “condição ativa do bebê, como organismo suscetível a tornar-se Eu” (p. 47). Nesse sentido, afirma que “além de manifestar um estado de desorganização neurológica do neonato – ainda desprovido de uma coordenação central voluntária de um sistema nervoso – os reflexos presentes no início da vida do bebê fariam uma função de promoção de uma interação comunicativa necessária à sustentação do laço com a alteridade” (p. 49). Além da resposta do Outro, que supõe um sujeito nestas manifestações, a psicanalista aponta que haveria no próprio reflexo um saber ancestral que “convidaria” à comunicação, propondo resgatar a importância destes para a vida psíquica e para a inter-relação, enfatizando a disponibilidade ao outro no desenvolvimento normal.

Em contraponto, vale realçar a argumentação de Donna acerca da existência de reflexos infantis e registros de *sensing*⁶ que geralmente seriam inibidos no desenvolvimento normal, mas que nestas “pessoas nascidas não nascidas” (Williams, 1998, p. 52) permanecem ativos. Nesse contexto podemos nos indagar se a existência dos reflexos infantis, não abandonados, permaneceriam possuidores deste saber, apontado por Vorcaro (2017), expressando uma manifestação convidativa ao outro humano, mas que exigiriam a interpretação de um humano que pudesse reconhecer nestas manifestações – tão atípicas em um adulto – um convite ao outro.

Nesse âmbito, ela teceu a hipótese de que quando o processamento de *inputs* é deficiente haveria uma “incapacidade ou atraso em se tornar encarnado na mente” (Williams, 1998, p. 51). Sua

⁶ Donna designa por *sensing* toda a gama de estímulos apreendidos a partir dos órgãos sensoriais-perceptuais, enfatizando a sensorialidade dessa apreensão em detrimento do que seria uma apreensão intelectual

argumentação é a de que, em decorrência das perturbações sensoriais-perceptuais e seus impactos no processamento de *inputs* surgem sobrecargas que impactam a possibilidade de se poder confiar em uma “interpretação consistente” (p. 51), na ausência da qual desenvolveu “uma aversão a ser afetada” (p. 51) e “uma rejeição” (p. 51) enquanto “anti-identificação” (p. 51). Devido à presença desses estados psíquicos, Donna podia ouvir sons, ver coisas, mas isto “embora percebido, permanecia não processado e não interpretado” (p. 53), não originando uma resposta.

Além de formular a permanência destes reflexos, Donna teorizou a existência de automatismos e manifestações *triggered*⁷ que distinguiu em duas modalidades: tentativas de regulação das perturbações sensoriais e mimetizações sem apropriação subjetiva. Embasando-se na hipótese de que no autismo há uma perturbação no processamento de *inputs*, ela remeteu vários comportamentos tipicamente autísticos a essa explicação. Por exemplo, sugeriu que alguns comportamentos estereotipados repetitivos – *stimming* – podiam ser tentativas de repetir uma ação até obter um aumento do efeito sensorial ou emocional, na tentativa de processar intelectualmente o que foi experienciando. Outros podiam ser tentativas de se calmar ou *downloadar* uma informação em excesso ou regular estados de humor e ansiedade. A hipótese de Donna era a de que, nesse contexto, o *stimming* viabilizaria uma modalidade autoterapêutica compensatória, uma vez que com o acesso do cérebro a essas informações/mensagens/*feedbacks* que outrora não podiam ser processados, seria possível a melhor regulação e integração, não havendo mais necessidade desses comportamentos repetitivos. Já outros *stimmings* seriam ocasionados pelo tédio e seriam tentativas de se entreter em atividades que não implicassem a necessidade de relacionamentos sociais.

Ao contrário dos comportamentos de autoestimulação designados voluntários, Donna descreve uma quantidade imensa de tiques involuntários (puxar o cabelo, bater no estômago, tapear a face etc) que desenvolveu ao longo dos anos, caracterizando que geralmente eles duravam algumas semanas ou meses até serem substituídos por outros. No entanto, alguns destes ocupavam grande parte do seu dia, como alguns tiques ligados à respiração (segurar a respiração, limpar o nariz etc.) que ocupavam cerca de metade do seu tempo acordada, podendo beirar 80% do tempo quando estava adoentada.

Em relação às expressões corporais *triggered*, Donna formulou possuir um repertório que poderia ser desencadeado independente da sua mente, razão pela qual inventou estratégias de monitoramento para observar e controlar como seu corpo agia e se ele expressava ou não o que sua mente havia pensado. A hipótese de Donna acerca do *triggering* era a de que se trataria tanto de material bruto não investido quanto de material mimetizado não apropriado. Ela relata que durante grande parte da vida havia experienciado o mundo como um “zumbi” (Williams, 1998, p. 53), que podia se registrar e registrar os outros, sem atribuir uma interpretação ou aceder a uma representação destes, sendo que esse material bruto ou mimetizado se manifestaria *triggered*.

A manifestação *triggered* na terceira autobiografia

A temática da autoanálise dos comportamentos *triggered* é predominante na terceira autobiografia (Williams, 1996) na qual Donna se dedicou à questão da dificuldade de apreensão de si, diante da ausência de sentido, referindo que diversas de suas vivências não podiam ser elaboradas, pois seus sentimentos eram como os sons para o surdo ou como as cores para o cego. As pessoas geralmente interpretavam seus “comportamentos *triggered*” (p. 5) por “respostas reais” (p. 5), mas uma vez que estes não eram apropriados subjetivamente, tratar-se-ia, do ponto de vista de Donna, do funcionamento equivalente ao de um robô.

Um momento mutativo ocorreu, nesta autobiografia, quando ela começou a utilizar óculos especiais com filtros – *Irlentints* – que eram tingidos e filtravam as diversas cores do ambiente, o que viabilizou novas modalidades de “processamento visual da informação” (Williams, 1996, p. 189). Sua hipótese explicativa era a de que pessoas com perturbações do processamento de informações em parte recebem mais informações do que conseguem processar, em outra parte recebem menos informações do que necessitam para processar corretamente as informações registradas. Ela realizou

⁷ Donna se refere a *trigger*, *triggered* e *triggering* no autismo como manifestações automatizadas que emergem a despeito da volição do autista. A manifestação *triggered* é aquela que se manifesta por meio de comportamentos, expressões faciais etc., a despeito do autista. O *trigger* é o estímulo ou sinal que desencadeia a manifestação e o *triggering* abarca essa modalidade de automatismo.

várias testagens com manipulações das luzes, das ondas de luz, até encontrar uma combinação de lentes que possibilitava “compensar pelo que estava faltando ou filtrar o que estava sendo obtido em demasia” (p. 189). Isso lhe permitiu não ser mais perturbada ou distraída por luminosidades ou sombras tanto quando lia um texto quanto quando olhava para o mundo, as pessoas, os ambientes. Nesse âmbito, relatou que ao olhar com as lentes para fora da janela, ao invés de ver um monte de árvores uma a uma, viu um jardim. Enquanto sempre se via como não participante da cena, pôde se visualizar no meio do jardim, pois obteve a capacidade de visualizar a imagem com a terceira dimensão. Com as lentes quando olhava a face e o corpo de seu marido, podia apreendê-lo como uma unidade global e não como pedaços fragmentados soltos e desconectados.

Donna parou de usar os óculos tradicionais, relatando que havia sido prescrita uma correção oftalmológica como se houvesse um problema no seu órgão sensorial da visão, quando de fato seu problema seria exclusivamente no processamento visual cerebral e não nos olhos. Desse modo, olhando através da combinação de lentes coloridas, sua visão era perfeita e ela tinha capacidade de obter uma apreensão visual global e com profundidade. Vale citarmos sua descrição:

Em um mundo perceptual no qual meu sentido de corpo, minha compreensão auditiva, minha personalidade, e meu sentido do ambiente em volta eram fragmentados, eu finalmente podia fazer mais do que lutar para imaginar um todo não fragmentado. Ao menos em um canal – o da visão – eu não tinha mais que imaginar, mas podia experienciar (Williams, 1996, p. 190).

Com o uso destas lentes, também se normatiza parcialmente sua audição, uma vez que ao olhar, por exemplo, para um ambiente, e não vê-lo mais como repleto de fragmentos incoerentes que pareciam bombardeá-la, o barulho de fundo parou de incomodá-la e ela pôde triar com mais facilidade o som do ruído, sem sofrer mais *overloads*. Esta apreensão global lhe viabilizou perder uma quantidade infinita de detalhes que puderam ser colocados em segundo plano em prol da apreensão global. Sua sensação de segurança na relação com as pessoas no mundo compartilhado aumentou significativamente: por não ter mais a sensação de que fragmentos a atacavam inesperadamente, sua ansiedade diminuiu drasticamente e seu corpo relaxou. Sua vivência era a de que estava em um “novo mundo, o qual não era mais vivenciado como um inimigo esperando para invadir ou bombardear” (Williams, 1996, p. 212).

Nessa época, após obter uma apreensão mais global de si, do outro, da realidade, um dos principais focos de observação e controle de Donna se tornou o corpo próprio, que reiteradamente agia no modo de piloto automático. Nesse contexto, enfatiza que procurava fiscalizar a “dissociação” (Williams, 1996, p. 95) que se manifestava no seu corpo. Tentava detectar ações e partes desconectas do corpo, que agiam no funcionamento automático, tendo a vivência de possuir “estranhos em seu corpo” (p. 95) cujos traços podiam ser remetidos a diversas pessoas que fizeram parte da sua vida, inclusive as odiadas e temidas, assim como personagens de desenhos animados ou pessoas vistas na televisão, que seriam mimetizados sem uma apropriação subjetiva.

Ao inventar anteparos para ver esses traços dos outros, que se manifestavam automaticamente, ela pôde designá-los, reconhecendo-os como partes da “camisa-de-força” (p. 95) que se expressava no seu corpo, a despeito da sua consciência. Explica que, anteriormente, deparar-se com esses outros teria implicado se perder “no sufocante oceano do ‘outro’” (Williams, 1996, p. 95), mas na terceira autobiografia, pode analisar como se constituíram no decorrer da vida essas identificações miméticas, que se constituíram enquanto um *patchwork* de outros que não viabilizava o sentimento de uma continuidade existencial. Nesta etapa de combate aos repertórios registrados dos outros, Donna relata que se via caminhando de modo bizarro como “duas metades de diferentes pessoas” (p. 97), desconectadas uma da outra, cada uma andando em um ritmo dessincronizado. Nessa época, apontava a premência da confusão instaurada “quando você tenta um exorcismo dos invasores dentro do seu próprio corpo” (p. 98), incorrendo em “corpos disfuncionais” (p. 98), após a perda dos comportamentos automatizados ou mimetizados dos outros.

Ao evitar utilizar uma expressão copiada do outro, não encontrava no reservatório de comportamentos outro registro que lhe permitisse manifestar uma expressão pessoal, o que tornou difícil a realização de qualquer atividade básica. Nessa época, Donna afirmava que cada fragmento do seu corpo manifestava alguém do seu passado, sua perna esquerda podia estar expressando seu pai,

a perna direita expressando outra pessoa, cada braço expressando uma pessoa diferente do seu passado, e sua cabeça podia expressar um personagem de um desenho animado ou filme. Ela não conseguia mais realizar movimentos como caminhar, ou podia começar a bater na própria face, tecendo a hipótese que estava tentando se lembrar com seu corpo, mas seu corpo não tinha um registro pessoal de como se anda ou como se realizam os gestos. Donna exemplifica que “dentro de mim, eu estava pensando, vamos lá, perna, eu sei o que fazer. Mas é como se meu corpo não pudesse me ouvir, como se não tivesse memória corporal/memória do corpo” (Williams, 1996, p. 100), descrevendo uma cisão entre sua mente e um repertório de ações motoras registradas como se não pertencessem ao corpo próprio.

Donna se deparou com partes do corpo próprio que eram “estrangeiras/alienígenas” (Williams, 1996, p. 101), teorizando que era preciso realizar novos “links entre corpo e mente” (p. 101), pois durante esse período, a maior parte do tempo, quando queria fazer algo, ou sua “ideia não se conectava com meu corpo” (p. 102) ou realizava uma atividade como se fosse outra pessoa. A necessidade de reinicializar todo o sistema de links entre sua mente e seu corpo abarcou o repertório de movimentos corporais, expressões faciais, modos de falar, e todos os movimentos fisiológicos dos órgãos e músculos da boca, da língua, do aparelho fonatório, do diafragma, dos pulmões, do maxilar e dos lábios. Sua fala se tornou um “mosaico verbal” (p. 103) balbuciando e deixando vazios, pois estava sem saber como pronunciar alguns sons ou como realizar as conexões necessárias para produzir a linguagem falada. Enquanto o diafragma podia responder à sua intenção de falar, o maxilar ficava imóvel, havendo falta de sincronia e impossibilidade de obter uma funcionalidade adequada.

Vale citar a hipótese explicativa que Donna elaborou a respeito dessa dinâmica corpo-mente:

Não era que a minha mente estivesse quebrando em pedaços; ao invés disso, a conexão entre a minha mente e o meu corpo foram para a oficina mecânica para reparos menores, mas estavam agora em uma vistoria geral. Eu não tinha enlouquecido, mas meu corpo tinha (Williams, 1996, p. 99).

Durante três dias, Donna relata que só conseguia se comunicar efetivamente por meio de piscadas, uma para sim e duas para não, até que progressivamente consegue obter uma conexão entre mente e corpo. Viveu, então, o momento paradigmático no qual pôde falar com sua voz própria. Até então somente podia falar com a voz de seus outros mimetizados, mas após o link estabelecido entre sua mente e seu corpo, a voz que surge não é a de outra pessoa, mas sua própria voz íntima.

Ouvir minha própria voz nos meus próprios ouvidos, as fundações de uma voz mental minha que havia estado ausente por vinte e oito anos, era me dar a chave para escapar ... da surdez-ao-self ... Aquela noite, pela primeira vez na minha vida, eu me ouvi falar nos meus sonhos com minha própria voz. Eu tinha um corpo, eu tinha emoções, eu tinha uma voz (Williams, 1996, p. 106).

Após poder se apropriar da própria voz, Donna pôde se apropriar do olhar. Quando começou a caminhar, constatou que algo havia mudado na sua percepção. Até então, seus olhos funcionavam como um scanner que geralmente estava focalizado em ver onde estavam indo as partes do seu corpo ou estavam fixando algo que a atraía no modo de piloto automático. Mas então, pela primeira vez na vida, seus olhos podiam se direcionar para onde ela estava indo e isto lhe permitia prever o que iria encontrar antes de chegar a um lugar.

Quando olhava para Ian, notou algo diferente. Até então, seus olhos faziam um scanner dos traços faciais, mas Ian percebeu que quando ela via esses fragmentos, só conseguia ver com um olho por vez. Mesmo quando direcionava ambos os olhos, ela somente podia registrar um olho por vez. É somente após a realização dos novos links entre sua mente e seu corpo, que há uma mudança na sua relação com o olhar, que lhe permite perceber qual dos seus olhos está registrando e quando um de seus olhos para de registrar. Então, ela pôde obter mais controle sobre qual olho está registrando, buscando mudar de um olho para o outro quando havia uma sobrecarga sensorial, salientando que embora tivesse dois olhos, eles funcionavam separadamente, como dois órgãos distintos.

As expressões *triggered* e a apresentação perceptiva.

Como compreender essas manifestações e comportamentos *triggered* no seu corpo sem que houvesse um prévio registro consciente e apropriação subjetiva? A teorização da própria Donna (Williams, 1998) é que no autismo, em uma etapa de inexistência de uma mente, os outros, o mundo e o próprio corpo foram experienciados por um corpo não-físico que intermediou essas relações enquanto “um instrumento de ressonância” (p. 26). A hipótese de Donna é a de que a maior parte das pessoas perde grande parte dessa capacidade de conhecimento pela ressonância, que seria premente nos primeiros meses de vida do bebê humano. Por meio da ressonância, ao se relacionar com um objeto dado por alguém, ressonava tanto o objeto quanto o traço de quem havia dado aquele objeto. Nesse contexto, relata que sua forma de apreender o mundo e construir conhecimento incluía um traço do outro, incorporado indiscriminadamente do objeto, de tal modo que “um *imprint*” (p. 45) do outro era absorvido e ela experienciava uma “fusão com a energia deles” (p. 45). Em decorrência dessa modalidade de relação com os outros, Donna teorizou que essas manifestações *triggered* surgiram de um repertório de “acumulação indiscriminada e involuntária” (p. 55) do qual emergiu um “*replay* sem sentido, espelhados em sons e ações dos outros, sem consciência, sem escolha, sem intenção, sem mente” (p. 55). A via preferencial pela qual Donna se apropria deste material bruto se edifica no trabalho psíquico de espelhamento e reconhecimento dos traços de si via o outro/anteparo.

Por meio desse trabalho de metabolização do material sensorial bruto, que progressivamente pode ser reconhecido, apropriado, investido, emerge um trabalho psíquico de ligação por meio dessas modalidades de apresentação perceptiva. Vale destacar que, nesse âmbito, procuramos articular os relatos autobiográficos de Donna às formulações laznikianas acerca da falta de marcação do Outro no circuito libidinal do autista, correlato à premência da elisão dos sinais perceptivos da presença do Outro. Dessa maneira, buscamos elucidar a existência de traços mnêmicos que não são investidos no quadro de autismo, e por ficarem completamente sem investimento, inviabilizam trilhamentos e ligações psíquicas, o que impede o surgimento de representações. Nesse sentido, procuramos investigar a hipótese de que novos investimentos desses traços ligados à sensorialidade, e que compõem as representações de coisa na metapsicologia freudiana, pode edificar novos trilhamentos que possam ser instaurados a partir da apresentação perceptiva, tal qual abordamos no presente texto.

Sob forma de role-plays ou utilizando seu parceiro-lan como espelho para que possa observar, detectar, analisar e compreender sua própria maneira de funcionar psiquicamente, a terceira autobiografia (Williams, 1996) é dedicada principalmente à invenção de anteparos que permitem tanto inscrever aquilo que havia sido anteriormente apreendido sob modo de piloto automático e que permanecia sendo ativado por meio de *triggers* automáticos, quanto realizar ligações psíquicas nunca antes estabelecidas, ou não suficientemente investidas. Na psicanálise freudiana, a matriz sensorial-perceptual é o substrato da constituição do aparelho psíquico. Podemos, então, reiterar a importância desses anteparos/espelhos que viabilizam um suporte para serem manifestados figurativamente esses traços de si, que ao serem espelhados por outro humano possibilitam um trabalho de simbolização, de ligação psíquica.

Esse trabalho de espelhamento da matriz bruta pode ser remetido às formulações da psicanalista Moreno (2014) acerca das comunicações gestuais, posturais e por mímica entre mãe e bebê relacionados a uma modalidade de comunicação pelo intermédio do “espelho antes do estádio” (p. 82). Este espelhamento permitiria uma primeira forma de reconhecimento por especularização, viabilizando o surgimento de “uma figuração de uma percepção” (p. 83). Tratar-se-ia da constituição de “um primeiro traçado psíquico (*Bahnungen*), uma figura sensório-motora composta de traços mnêmicos perceptivos, que pretende ligar psiquicamente as excitações que chegam simultaneamente do interior e do exterior, configurando uma superfície” (p. 83).

Baseando-nos na distinção das conceituações psicanalíticas de *Vorstellung* (representação) e *Darstellung* (figuração ou configuração), considerando que o segundo termo é particularmente profícuo para pensar o processo de representação psíquica nesses casos de perturbação do processo de simbolização, ancoramo-nos em uma formulação de *Darstellung* (figuração ou configuração) definido

como o termo freudiano “relacionado com a constituição do inconsciente, prévia ao recálque” (Moreno, 2014, p. 82) que pode ser remetido à existência no inconsciente de traços que poderão ou não devir representações significantes, predominando a representação de coisa e uma forma de figurabilidade, sob a forma de imagens.

Desse modo, buscamos explicar a viabilidade de uma apresentação psíquica que viabiliza a transformação dos traços mnésicos, abarcando um modo ativo de transformação dessa matéria bruta pela percepção, realçando que há um investimento desta no ato da percepção, cuja energia investida pode viabilizar a transferência e a transformação em representação de coisa, em imagem mnésica, podendo, a seguir, “abrir-se para novas formas psíquicas” (Moreno, 2014, p. 85). Trata-se, portanto, de um trabalho psíquico de simbolização primária que religa essa primeira inscrição, sob forma de traço mnésico perceptivo, à representação de coisa. Nesse mesmo sentido, o psicanalista Roussillon (2013) realça que em situações de dificuldades extremas de subjetivação “nas quais uma parte do trabalho de simbolização, particularmente o de simbolização primária, e, portanto, de apropriação subjetiva, está em pane ou falha” (p. 188), é necessário ligar ou religar essa primeira inscrição, sob forma de traço mnésico perceptivo, à representação de coisa.

A simbolização primária tem sido formulada pelo psicanalista Roussillon para abarcar os processos psíquicos por meio dos quais as matérias brutas (uma multiplicidade de impressões sensoriais) são inscritas no psiquismo enquanto traços mnésicos e, então, são transformadas em representação de coisa, ou como sugere Naffah Neto (2013), como a coisa psíquica se representa. Naffah Neto salienta a importância de se pensar essa simbolização em dois tempos distintos: enquanto representação de coisa, cuja simbolização abarcamos por meio da importância da figuração, e enquanto representação palavra, efetuada pela linguagem. Nesse âmbito, a simbolização secundária abarca os processos psíquicos pelos quais a representação coisa é transformada em representação palavra. Enfocamos, portanto, no presente artigo a transformação da primeira inscrição psíquica pelo processo de simbolização primária, por meio da apresentação perceptiva.

Considerações finais

Procuramos descrever e analisar a evolução obtida por Donna e a mudança no seu funcionamento psíquico, sendo que o material clínico das suas autobiografias nos forneceu interessantes elementos para articular a construção do psiquismo a partir da transformação do sensorial-perceptual por intermédio da apresentação perceptiva. Por que a apresentação desses traços é tão importante para Donna? Os psicanalistas Cesar Botella e Sara Botella (1995) realçam que a percepção é um conjunto integrante do aparelho psíquico que forma um todo organizado capaz de transformar o quantitativo (captado sensorialmente) em qualitativo. Mas para que haja essa mudança qualitativa, destacam a necessidade que a percepção se torne “perceptível” (p. 352), aproximando esse processo psíquico de uma percepção endopsíquica⁸ que permite ao sujeito se pensar ao apreender esse perceptivo que se apresenta. Tratar-se-ia, pois, de um processo psíquico similar à endopercepção “capaz de apresentar à consciência, sob forma de uma figurabilidade, aquilo que, numa primeira abordagem, não se pode fazer por intermédio das representações verbais” (Botella & Botella, 2002, p. 20). Nesse sentido, os psicanalistas apontam a necessidade de uma “figurabilidade psíquica” (p. 20) pela qual se viabiliza uma percepção pela consciência, propiciando o surgimento de novas ligações e investimentos psíquicos. Destacamos quão difícil é para Donna o registro da presença, do primeiro registro perceptual. Nas autobiografias de Donna, ela operacionaliza importantes anteparos que viabilizam um trabalho de espelhamento e reconhecimento do material sensorial bruto, que progressivamente pode ser reconhecido, apropriado, investido, possibilitando um trabalho psíquico de ligação por meio dessas modalidades de apresentação perceptiva. Desse modo, por meio da transformação pela figurabilidade, ela pôde investir ou (re)investir esses traços, (re)atualizados pelo campo da sensorialidade, via apresentação perceptiva. Enfocamos, ao contrário de um trabalho representacional ancorado na

⁸Coelho Júnior (1999) explica que: “A percepção endopsíquica é uma espécie de percepção inconsciente do que está no psiquismo, são representações que aparecem como uma projeção no mundo externo. A percepção endopsíquica é uma espécie de projeção dos processos que ocorrem internamente. É como uma percepção interna inconsciente que é tida como uma percepção externa consciente” (p. 38).

ausência perceptiva, a importância de um primeiro registro de presença perceptiva para a edificação dos alicerces do aparelho psíquico, por meio dos investimentos dessa percepção e da ligação desses elementos perceptivos, o que sinaliza importantes diretrizes para a teoria e para a clínica no campo do autismo.

Referências

- Botella, C., & Botella, S. (1995). Sur le processus analytique: du perceptif aux causalités psychiques. *Rev. Franç. Psychanal*(2), 349-366
- Botella, C., & Botella, S. (2002). *Irrepresentável: mais além da representação*. Porto Alegre: Criação humana.
- Burnod, Y., & Laznik, M-C. (2016). O ponto de vista dinâmico neuronal sobre as intervenções precoces. In M. C. Kupfer & M. Szejer (Orgs.), *Luzes sobre a clínica e o desenvolvimento de bebês* (pp. 13-30). São Paulo: Instituto Langage.
- Brun, A. (2014). Médiation picturale et psychose infantile. In A. Brun (Org.), *Les médiations thérapeutiques* (pp. 75-87). Toulouse, França: Érès.
- Campos, E. B. V. (2009). *Representação e afeto no segundo modelo tópico e pulsional freudiano*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Coelho Júnior, N. E. (1999). Inconsciente e percepção na psicanálise freudiana. *Psicologia USP*, 10(1), 25-54.
- Cohen, D., & Saint-Georges, C. (2016). O que a sincronia e o manêes podem nos esclarecer sobre a dinâmica interativa dos bebês (futuros autistas) e seus pais? In M. C. Kupfer & M. Szejer (Orgs.), *Luzes sobre a clínica e o desenvolvimento de bebês* (pp. 267-290). São Paulo: Instituto Langage.
- Golse, B. (2016). Intersubjetividade, intersensorialidade e intrassensorialidade. In M. C. Kupfer & M. Szejer (Orgs.), *Luzes sobre a clínica e o desenvolvimento de bebês* (pp. 211-222). São Paulo: Instituto Langage.
- Laznik, M-C. (2004). *A voz da sereia: o autismo e os impasses na constituição do sujeito*. Salvador: Agalma.
- Laznik, M-C. (2016). Podemos pensar uma clínica do nó borromeu que diferencie psicose e autismo na criança? In M-C. Laznik, B. Touati, & C. Bursztejn (Orgs.), *Distinção clínica e teórica entre autismo e psicose na infância* (pp. 27-55). São Paulo: Instituto Langage.
- Moreno, M. M. A. (2014). *Trauma precoce e ligações psíquicas: um estudo psicanalítico*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Naffah Neto, A. (2013). René Roussillon e D. W. Winnicott: encontros e desencontros nos interstícios da construção teórica. In L. C. Figueiredo, B. B. Savietto, & O. Souza (Orgs.), *Elasticidade e Limite na clínica contemporânea* (pp. 123-146). São Paulo: Escuta.
- Roussillon, R. (2012). *Manuel de pratique clinique*. Issy-les-Moulineaux, França: Elsevier Masson.
- Roussillon, R. (2013). Une métapsychologie de la médiation et du médium malléable. In A. Brun, B. Chouvier, & R. Roussillon (Orgs.), *Manuel des médiations thérapeutiques* (pp. 41-69). Paris: Dunod.
- Vorcaro, A. M. R. (2017). Sobre o instintivo e o pulsional no recém-nascido. In S. Rabello & M. Bialer (Orgs.), *Laço mãe-bebê: intervenções e cuidados* (pp. 38-50). São Paulo: Primavera.
- Williams, D. (1996). *Like color to the blind: soul searching and soul finding*. New York: Times Books.
- Williams, D. (1998). *Autism and sensing: the unlost instinct*. London/Philadelphia: Jessica Kingsley Publishers.
- Williams, D. (2006). *The jumbled jigsaw: an insider's approach to the treatment of autistic spectrum "fruit salads"*. London/Philadelphia: Jessica Kingsley Publishers.

Recebido em 26/06/2017
Aceito em 31/10/2017

Marina Martins Bialer: pós-doutoranda em Psicologia Experimental IPUSP; doutora em Psicologia Clínica, pela USP e em Psicanálise, pela Université Paris 7 Denis Diderot. Membro do grupo CNPq Cibernética Pedagógica - ECA – USP; orcid.org/0000-0003-4650-5138.

Nelson Ernesto Coelho Júnior: Professor Psicologia Experimental USP. Doutor em Psicologia Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; orcid.org/0000-0002-0707-7356.